

PROTAGONISMOS NO CHORO PELOTENSE (RS) ESTUDO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NA CONSTRUÇÃO NARRATIVA DO MOVIMENTO

PEDRO GABRIEL DOS SANTOS ERLER¹; RAFAEL VELLOSO²; RAFAEL
NOLETO³;

¹Universidade Federal de Pelotas - pedroerler@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas - rafavelloso@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - rafael.noleto@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Com esse trabalho, pretendo realizar uma revisão historiográfica sobre o choro em Pelotas com base nas pesquisas desenvolvidas pelo projeto Encontros no Choro: Introdução e Vivência, incluindo as demais publicações sobre o Choro em Pelotas que não se relacionam diretamente com o projeto, utilizando-se dos acervos e da metodologia que foi utilizada para a criação das coleções do Acervo do Choro de Pelotas. Essa revisão tem como foco as relações étnico-raciais estabelecidas entre as práticas musicais, sociais e culturais de musicistas do Choro em Pelotas (RS) e as abordagens de pesquisa trabalhadas até então. Busquei delinear as ações do projeto Encontros no Choro: Introdução e vivência e explicitar o meu agenciamento para que essas ações ocorram. Através da leitura crítica, procurei argumentar o como as relações e narrativas estão sendo revisitadas e modificadas por meio de novos entendimentos.

2. METODOLOGIA

O interesse nesse tema surge da minha participação ativa no projeto Encontros no Choro e no Clube do Choro de Pelotas. É importante ressaltar as diferenças entre o Clube do Choro e o Projeto Encontros do Choro. O Clube do Choro de Pelotas é uma associação de musicistas da cidade de Pelotas (RS), que mantém viva a prática do Choro. O projeto Encontros do Choro, surge como ponte entre a universidade e o Clube. Estando sempre em diálogo e parceria com o coletivo, o projeto busca, através das suas ações de pesquisa, ensino e extensão, construir conjuntamente o cenário do Choro em Pelotas (RS) e região. O acervo do Choro de Pelotas é construído através de muitas mãos. Ao emprestar o material para a digitalização, doando seu tempo e compartilhando seu interesse nessa salvaguarda, construímos uma pesquisa etnomusicológica participativa. Da mesma forma, cada vez mais refletimos sobre a produção do conhecimento em busca de outros olhares e escutas que sejam atentos às realidades sociais dos grupos com os quais trabalhamos (CAMBRIA, 2016, p.96). Nesse sentido, quando recebemos fotos, relatos, vídeos, gravações e etc, recebemos junto um voto de confiança. O acervo já existia fragmentado nas coleções pessoais de cada colaborador e colaboradora. Ao reunir essas peças, traçar paralelos e propor/entender relações que escapam e convergem, vamos construindo e alimentando a história do movimento na cidade e na região. Manter e estimular essa comunicação dialógica, participativa e ativa no movimento do Choro de Pelotas é um pilar desse trabalho.

Fazer essa leitura a respeito da prática arquivística, serve para perceber como algumas formas discursivas foram assumidas e reproduzidas de forma

acrítica, invadindo, nos dias atuais, o terreno que deveria lhe ser o mais inóspito: o da própria universidade (REZENDE, 2014, p.23). Em sua tese de doutorado intitulada *O problema da tradição na trajetória de Jacob do bandolim: comentários à história oficial do choro*, Gabriel Rezende aborda em profundidade o poder da narratividade (REZENDE, 2014, p.46) advindo principalmente desse “culto aos fatos”. Assim, ele afirma que “é sobre a base da objetividade” e da “precisão” da coleção de fatos enunciados na cadeia da história, que a narrativa reivindica sua legitimidade”. É necessário perceber quem são os corpos ou corpos¹ (ANZINI, 2020, p.2) que circulam por esses espaços, quais novas histórias são contadas e quais não são contadas também. “Refletir sobre a história é, inseparavelmente, refletir sobre o poder” (DEBORD: 1997, p. 92). Quando pensamos em história, temos que nos ater a dimensão social que advém dela: a memória. Enquanto prática cultural e espaço de construção de identidades, o projeto atua ao estimular uma comunidade de memória (TAYLOR, 2015) que é definida como um grupo que articula o seu passado comum e cultiva, na prática, sua memória social (CONNERTON, 1989). Sendo assim, precisamos de atenção constante quanto a quais memórias são essas, de quais grupos sociais elas emergem e quais delas ainda não estão incluídas diretamente nesse recorte narrativo adotado pelas pesquisas até então.

Busco com esse trabalho trazer essa discussão pro campo da instituição em que estou me formando e para esse congresso de pesquisa. Além disso, procurarei traçar junto a novos memorialistas do Choro pelotense, a trajetória musical, estética, pessoal e política, de musicistas negros na cidade de Pelotas, reforçando o caráter etnomusicológico e participativo que o projeto tem sido construído. Através da proposição de entrevistas narrativas semiestruturadas, procuraremos conjuntamente traçar as demais rotas da prática do Choro na cidade e assim, novos protagonismos que escapam as histórias levantadas até então. Assim, esse estudo se utiliza como metodologia de uma pesquisa documental de abordagem etnográfica. Procurou-se utilizar entrevistas narrativas como forma de colaboração na construção desse pensamento, visto que o produto final é a interpretação conjunta dos aspectos relevantes tanto aos informantes quanto ao pesquisador (JOVCHELOVCH, 2002). A escolha desse enfoque foi por acreditar no potencial que as narrativas têm na construção da noção de coletivo (KRAMER, 2007). Por se tratar de uma pesquisa qualitativa que aborda conceitos como memória e amnésia coletivas (BENTO, 2022) as quais trabalham e analisam as subjetividades dos sujeitos, a narrativa se mostra como ferramenta relevante de análise do discurso, pois ressalta o valor da oralidade, já que tais relatos não são encontrados em documentos (RIBEIRO, 2002). Aqui entenderemos por relato o que foi dito além das palavras, as pausas, o silêncio, a linguagem corporal e não verbal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento já podemos observar alguns resultados práticos da pesquisa, como, por exemplo, a implementação das ações afirmativas na distribuição de bolsas de iniciação científica no projeto. Outro resultado são as novas rotas do Choro que estão aparecendo com o contato de novas(os)

¹ Algumas discordâncias de gênero formal da língua portuguesa foram colocadas propositalmente neste artigo, com a finalidade de desconstruir a linguagem androcêntrica e ressignificar substantivos e adjetivos para o gênero feminino e/ou não binário. Por exemplo, a palavra “corpo” foi ressignificada para “corpa” e “corpe” (ANZINI, p.3)

memorialistas. Ao buscar essas pessoas, com suas memórias e saberes, vamos ampliando o entendimento da prática do Choro na cidade e na região. Com isso, pretende-se descentralizar a narrativa, ainda muito focada em um pequeno grupo de pessoas brancas, com atuações majoritariamente no centro da cidade. A pesquisa não partiu de mim ou da universidade, e sim da comunidade que confia na nossa atuação enquanto um projeto socialmente responsável. Manter esse caráter exige posicionamento constante e revisão das nossas metodologias e resultados de pesquisa. A partir dos resultados, busquei propor diretrizes mais concretas para prática da equanimidade, inicialmente com a proposição do repertório a ser trabalhado nos dois próximos módulos da oficina. O primeiro módulo focado nas obras de compositoras e o segundo nas obras de compositores negros². Fazendo jus ao propósito inicial da rede de museus, incentive a criação de uma nova linha de pesquisa de título 'O Choro Negro em Pelotas: rotas e trajetórias.' Isso tendo em vista os novos acervos levantados com essa pesquisa. Aqui é importante salientar que não estou propondo que a linha de pesquisa ligada a Avendano Jr seja interrompida, porém, compreender que essa narrativa é ampla e não centralizá-la em um pequeno grupo de pessoas brancas se faz cada vez mais necessário, para que possamos de fato estar atentos a comunidade do Choro de Pelotas. Fato é que o Choro, se encontra próximo do conceito de oralitura expresso por Leda Maria Martins, ao se referir a práticas culturais que tem na performance, seu espaço maior de síntese (MARTINS, 2021). Ela propõe que as oralituras, são formas complexas e refinadas de prática da memória e grafia do tempo, tendo a corporeidade como espaço central de agenciamento. Para isso, precisamos ampliar o grupo de memória com o qual trabalhamos e valorizar, através do reconhecimento e do diálogo, a construção afrodiaspórica, indígena e mestiça dessa prática na nossa localidade. Até o início desse estudo, o que eu entendia era que a rádio, sempre presente nos relatos e entrevistas de chorões e memorialistas do Choro, era a rádio nacional. Me utilizando até então de uma base bibliográfica que pautava o Choro majoritariamente no Rio de Janeiro, eu entendia que a rádio que era tão importante e amplamente difundida aqui, era essa dos programas de auditório e dos regionais de choro. Fato é que não era bem assim. Através das entrevistas e relacionando os relatos aos demais apresentados até e então, entendi que as rádios que foram tão importantes pra prática do Choro aqui, foram as rádios locais, em especial aquelas mencionadas ao longo do texto. Através das entrevistas e dos materiais que temos no acervo, podemos afirmar também que uma parte desses grupos era formada apenas por músicos negros, o que afirma essa construção e presença no movimento do Choro de Pelotas.

4. CONCLUSÕES

Procurei, através dessa pesquisa, trazer novas perspectivas, propostas e revisões para o projeto Encontros do Choro, pois acredito necessário um posicionamento mais explicitado em direção à equidade de classe, racial, de gênero e sexualidade e nas demais áreas da vida social e formação territorial que a iniciativa se propõe. Acredito muito no potencial e na permeabilidade social que

² Em um país como o nosso, com a variedade enorme de pessoas e miscigenações, não cabe mais dividir a população nesses binarismos raciais, pautados principalmente em teorias raciais norte-americanas, porém como esse é um trabalho de graduação, não daremos conta de abordar um assunto tão complexo em profundidade. Assim, opto por seguir essa divisão racial tal qual o IBGE utiliza em suas pesquisas, no caso: indígena, preto, branco e amarela.

o projeto atinge, ao se propor como uma interface de negociações entre a comunidade e as camadas institucionais. Sou grato a todas as pessoas que se envolvem nessa construção e a você, que acompanhou esse trabalho até aqui.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZINI, Violet Baudelaire. **O poder das Coisas: corpa, falocentrismo, transgeneridade e arqueologia**. Arche: Rev. Disc. Arqueologia, Rio Grande, RS, v.1 n.1, jul.-dez. ISSN: 2675-8148. 2020.

BENTO, Maria Aparecida. **O pacto da Branquitude**. Primeira edição. Editora: Companhia das letras, São Paulo. 2022.

BUENO, Beatriz. **Parditude**. Disponível em: <https://www.instagram.com/parditude/>

CAMBRIA, Vincenzo; FONSECA, Edilberto; GUAZINA, Laize. **Com as Pessoas: reflexões sobre colaboração e perspectivas de pesquisas participativas na etnomusicologia brasileira**. Etnomusicologia no Brasil / Angêla Luhning, Rosângela Pereira de Tugny, organização. - Salvador, EDUFBA, 2016.

CARVALHO, Tais de Freitas. **Gente da noite: Cultura popular e sociabilidade noturna em Pelotas RS (1930-1939)**. Dissertação, (Mestrado em Historia), UFPEL, Pelotas, 2013

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
FERNANDES, Viviane B; SOUZA, Maria Cecília C.C. **Identidade Negra entre exclusão e liberdade**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n.63, (p. 103-120), abr. 2016.

JOVCHELOVICH S, Bauer MW. Entrevista Narrativa. In: Bauer MW, Gaskell G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113.

KRAMER S. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. In: Beauchamp J, Pagel SD, Nascimento AR, (organizadores). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. P 13-24

MARTINS, Leda Maria. **O tempo espiralar: performances do corpo tela**. Editora: Cogobó, 1ª edição. Belo Horizonte, 2021.

REILY, Suzel Ana. **A música e a prática da memória: uma abordagem etnomusicológica**. USP, 2014.

REZENDE, Gabriel Sampaio Souza de Lima. **O problema da tradição na trajetória de Jacob do Bandolim: comentários a história oficial do Choro**. Unicamp, 2014.

TAYLOR, Diana. **The Archive and the Repertoire: Performing Cultural Memory in the Americas**. Durham (EUA) e Londres: Duke University Press, 2003.